



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA**

**WALESKA ALVES AMORIM**

**O SABER PEDAGÓGICO DAS BENZADERIAS DE MONTEIRO**

**GUARABIRA – PB  
2016**

**WALESKA ALVES AMORIM**

**O SABER PEDAGÓGICO DAS BENZADERIAS DE MONTEIRO**

Artigo apresentado ao curso de Pedagogia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira.

GUARABIRA – PB  
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A524s Amorim, Waleska Alves  
O saber pedagógico das benzedadeiras de Monteiro-PB.  
[manuscrito] / Waleska Alves Amorim. - 2016.  
25 p.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.  
"Orientação: Profa. Ms. Mônica de Fátima Guedes Oliveira,  
Departamento de Pedagogia".

1. Rezadeiras. 2. Saber pedagógico. 3. Mulheres. I. Título.  
21. ed. CDD 306.09


WALESKA ALVES AMORIM

## O SABER PEDAGÓGICO DAS BENZADERIAS DE MONTEIRO

Artigo apresentado ao curso de Pedagogia do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### BANCA EXAMINADORA



---

Prof.<sup>a</sup>. Ms. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira UEPB

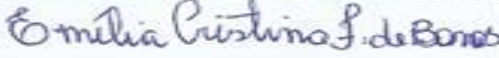
(Orientadora)



---

Prof.<sup>a</sup>. Ms. José Otávio da Silva - UEPB

(Examinador)



---

(Examinadora)

**GUARABIRA**

**2016**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me permitiu caminhar nesta minha trajetória; E a minha família.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS em primeiro lugar que iluminou o meu caminho durante esta caminhada, que plantou em mim um sonho que hoje se materializa, o que seria de mim sem a fé que eu tenho n'Ele. Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

À Nossa Senhora das Graças, esta que sempre esteve ao meu lado intercedendo ao seu filho Jesus Cristo para que eu tivesse paciência e prudência em cada passo dado neste caminho.

Aos meus pais Ailton de Sousa Amorim e Minha mãe Severina Alves Amorim, por seu cuidado e dedicação foi que me deu, em alguns momentos, a esperança para seguir, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada.

À minha família, por sua capacidade de acreditar e investir em mim, em especial meus avós, José Rodrigues e Josefa Rodrigues e aos meus irmãos, Junior Amorim e Priscila Amorim.

Ao meu esposo Robério Bernardo, obrigado pelo carinho, a paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada dia. Com você tenho me sentido mais viva de verdade.

A minha sogra: Leônia, pelas palavras sábias e verdadeiras nos seus conselhos.

A todos os professores que dedicaram seu tempo e sua sabedoria para que minha formação acadêmica fosse um aprendizado de vida, especialmente: Mônica Guedes, Otávio, Emília, vocês são profissionais que me inspiraram.

Por fim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena.

## RESUMO

Apesar de vivermos em uma sociedade com grandes avanços na medicina, ainda contamos com o universo bastante difundido na região nordeste que é o papel das benzedeadas/rezadeiras neste universo. O objeto de pesquisa deste artigo, foi analisar como a tradição de rezar se mantém forte na cidade de Monteiro-PB, e apesar da presença da medicina que gradualmente tornou-se acessível para a população. Esta pesquisa desenvolveu-se na cidade de Monteiro – PB, onde investigamos de forma sucinta a ação dessas mulheres e para concretizar esse estudo emergimos nos teóricos Freire, (1991:16); Vicentino (2005, p.28); Fonseca, (2000, p.28). Com as falas podemos mergulhar nesse universo e historicista como a cultura está entrelaçada com as mudanças urbanas e o cotidiano de seu povo que procura as rezadeiras para os males do corpo e da alma.

**Palavras-Chave:** Rezadeiras. Saber pedagógico. Mulheres.

## ABSTRACT

Though we live in a society with major advances in medicine, yet we have the widespread universe in the Northeast that is the role of traditional healers / mourners in this universe. The research object of this article was to analyze how the tradition of praying remains strong in the city of Monteiro -PB, and despite the presence of medicine gradually became accessible to the public. This research was developed in the city of Monteiro - PB, where investigate briefly the action of these women and to achieve this study emerged from the theoretical Freire (1991, p. 16); Vincentian (2005 , p.28) ; Fonseca (2000 , p.28) . With the lines can dive into this universe and historicist how culture is intertwined with the urban changes and the daily life of its people looking for the mourners to the ills of body and soul.

**Keywords: Mourners. Pedagogical knowledge. Women.**



## SÚMARIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE MONTEIRO-PB.....</b>	<b>11</b>
<b>3 HISTÓRIA ORAL.....</b>	<b>14</b>
<b>4 HISTÓRIA DAS REZADEIRAS.....</b>	<b>17</b>
<b>4.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM AS REZADEIRAS.....</b>	<b>17</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho foi estruturado da seguinte forma falamos um pouco sobre Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, entendendo a importância para as futuras gerações, também foi explorada a Contextualização Histórica do município de Monteiro, e logo após adentramos a histórias das rezadeiras coadunando com entrevistas com várias senhoras de oração, analisamos as entrevistas e tecemos considerações finais e utilizamos Referências Bibliográficas, bem como conhecemos de sujeitos históricos através da oralidade.

Desde a antiguidade as sociedades sempre acreditaram que existisse um ser superior que controlava as suas vidas de maneira sobrenatural. Bem antes da filosofia, ou que a ciência se desenvolvesse, ou mesmo que o direito político dos cidadãos fosse estabelecido, o ser humano já se dedicava a práticas espirituais, como adorar deuses e espíritos da natureza. Nunca existiu uma sociedade que não tivesse algum tipo de espiritualidade. Várias culturas foram fundadas, nas tradições orais, que passam as suas orações e rituais de geração em geração, as vivências e ensinamentos eram repassados dos mais velhos para os mais jovens, nesse meio termo surge as religiões, e o indivíduo passou a ver a necessidade de escrever para registro de suas crenças, através de livros, manuscritos etc.

O homem buscava a proteção nos deuses da natureza, para ter boas colheitas, afastamento das calamidades e cura de enfermidades, cultos antigos, realizavam sacrifícios inclusive humanos a exemplo dos Celtas e Astecas, oferecendo as divindades para aplacar a ira contra os mesmos. “Por meio dos mitos de criação, podemos saber como os povos do passado entendiam e explicavam seu mundo, quais eram sua crença, o que achavam certo e errado, bom e mal etc”. Vicentino (2005, p.28)

Os religiosos também passaram a buscar locais para a realização de cultos seja ao ar livre, adorando os quatro elementos, água, terra, fogo e ar. Ou nos templos reunindo pessoas que concordavam do mesmo pensamento e fé; os Católicos criaram para si igrejas, os Muçulmanos mesquitas e os Judeus sinagogas, já a tradição religiosa brasileira nos lega a um passado de sincretismo

onde as religiões afro-brasileiras tem seus Congas, os espíritas seus templos e os indígenas o palco da magistral natureza, abrilhantando os rituais e demonstração de sua fé.

Seguindo a perspectiva de ir ao encontro de fios teóricos capazes de tecer uma pedagogia da educação de infância que se constitua como um admirável processo de construção, concernente a vertente histórica, coletiva, política e individual, assim o texto acima citado perfaz o caminho que traz Paulo Freire no campo dialógico, onde pretende-se que as crianças sujeitos educandos assumam a capacidade de questionar e se inteirar a respeito e sendo capazes de compreender “como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem” (Freire, 2000a :40).

## **2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE MONTEIRO-PB**

O município de Monteiro, era conhecido como Lagoa de Peri Peri, devido uma lagoa grande, que existia na área onde hoje está localizado o matadouro público da cidade, estendia-se até a Rua Vespaziano Guerra. Com o que tudo indica onde se estabeleceu o primeiro núcleo populacional, na condição de povoado em terras do Sr Manoel Monteiro do Nascimento, o qual doou cerca de 3% da terra que a família possuía ao Patrimônio de Nossa Senhora das Dores no Cartório de José Antonio Pereira no dia 07 de Fevereiro de 1800. Algo em torno de meia légua de terras quadrada.

De acordo com Rietveld, Xavier e Silva (2002 apud Moreira e Santos, 1994, p.71)

Foi criado o distrito de Alagoa de Monteiro pela Lei Provincial nº 194, em 1865, e o município (e o termo judiciário), sete anos depois, em 28 de Junho de 1872, pela Lei 457. Muitas vezes, se lê que a paróquia foi erguida em 1875; os citados documentos provam que isso é um equívoco, na divisão administrativa de 1911, o município foi dividido em distritos: São Tomé, São Sebastião do Umbuzeiro e Camalaú. A comarca foi criada em 1878 e em 1921, a Vila de Monteiro tornou-se cidade de Alagoa de Monteiro. Constatamos de novo que as emancipações de Monteiro aconteceram numa época em que houve um surto na produção de algodão nos anos de 1861-1871.

No município de Monteiro, no século XVII, período que os portugueses aqui habitavam, havia um grupo de indígenas conhecidos por Cariris, reza uma lenda que os índios vieram do mar do norte, muitos historiadores acreditam que eles eram oriundos do rio Amazonas, há evidências transmigradas de fontes orais através de descendentes dos mesmos que hoje vivem em Pesqueira, cidade do Estado do Pernambuco, que nos dão uma visão aproximada da vida cotidiana em aldeia, os feiticeiros e augúrios tinham muita influência, os pajés prediziam o futuro e curavam determinadas doenças, em seus rituais usavam rezas e fumo.

Segundo Rietveld, Xavier e Silva (2002, p.11)

Monteiro situa-se no Nordeste do Brasil, no interior do Estado da Paraíba. Faz parte da região chamada de Cariris Velhos, a qual a SUDENE classificou como micro-região 96. Esta região está situada no Planalto da Borborema, a uma altura de mais ou menos 550 metros e tem uma superfície de 13.845 km<sup>2</sup>. A cidade está localizada à margem direita do rio de Meio, afluente das cabeceiras do rio Paraíba, e ao pé da serra Jabitacá, onde até o século XIX, existia uma lagoa.

De acordo com Rietveld; Xavier e Silva (2002, p.64) “Em 1856 e em 1862 ocorreu duas epidemias de cólera a primeira entrou no Estado via Monteiro” onde dez por cento da população faleceu e a construção de cemitério se fez necessário, principalmente porque nas igrejas não cabiam mais sepulturas, devido essas epidemias cresceu a popularidade dos santos protetores católicos, rogavam-lhes proteção contra fome, guerra e peste.

Concernente a cidade de Monteiro, as orações eram direcionadas à Nossa Senhora Das Dores, Padroeira e protetora da cidade. “No começo deste ano (1835) um capuchinho edificou a capela de Nossa Senhora das Dores de Alagoa de Monteiro, que mais tarde veio a servir de matriz” conforme Rietveld, Xavier e Silva (2002, p.61). Comemora-se na cidade a festa de Nossa Senhora das Dores todo dia 14 de setembro de cada ano, agradecendo sua proteção e intercessão junto a Cristo seu amado filho.

A primeira rua está localizada em frente ao açougue público de Monteiro e recebe o nome de Rua Coronel João Santa Cruz, onde de acordo com pesquisas históricas foi erguida a primeira capela católica do município. “A capela e o cruzeiro ficavam exatamente na frente do atual açougue de Monteiro”

Rietveld Xavier e Silva (2002, p.164), onde residia o Senhor Jorge Bernardo da Silva com sua esposa Maria Leônia Ferreira da Silva, ele funcionário público municipal descendente de Manoel Monteiro do Nascimento, laço familiar comprovado através da genealogia materna da avó do Manoel, a portuguesa Maria Bernardo esposa de Manoel Branco.

Nas fazendas existiam currais que serviam de parada cujo objetivo era o aluguel para abrigar os rebanhos que vinham sendo conduzidos por boiadeiros, que por muitas vezes viajavam até meses provenientes do sertão paraibano até o Piauí. Já no comércio alojavam-se os “tangerinos”. Os “arreios” chegavam bem antes, traziam tachos e ingredientes a fim de preparar as refeições dos boiadeiros, durante a caminhada muitos adoeciam, creio que os conhecimentos da medicina popular eram empregados, bem como as orações populares.

Os produtos ainda nessa época eram transportados em lombos de animais, principalmente para Campina Grande, pois, havia uma enorme deficiência dos meios de transporte e comunicação no Estado da Paraíba do Norte, mesmo quando as ferrovias já se ligavam em cidades paraibanas, Monteiro permaneciam praticamente isolada, constituindo um entrave para o seu desenvolvimento econômico.

A mão-de-obra escrava foi muito utilizada. Segundo se constata nas análises de Rietveld; Xavier e Silva (2002, p.222), existiam diversos escravos na fazenda dos Monteiro.

Joanna preta filha natural de Paula escrava de Manoel Monteiro nasceu nos vinte e quatro de Junho de mil e sete centos e noventa e seis e foi baptizada solenemente com os santos óleos pelo padre José Ignácio dos Santos Lial na fazenda de Alagoa aos vinte e dois de julho do mesmo anno, forão padrinhos Balnio Ferreira de Mello e sua filha Maria José de Mello era supra. Cura Joaquim José de Veraz.

O desenvolvimento econômico do município até os anos 80 dependia do ciclo misto de agricultura e pecuária, o plantio de algodão a criação de bovinos e caprinos eram atividades interdependentes, a folha e o caroço do algodão era usada como ração, o algodão devido a sua importância era conhecido como ouro branco, com a praga do bicudo e do outro lado o mercado internacional fez os fazendeiros, com as secas substituíram o gado por bodes, que resistem mais as secas, os ciclos do agave e do caroá duraram aproximadamente de 1935 a 1975.

Já existia uma maternidade e uma unidade do SANDU que atendia a população. Porém, o município de Monteiro foi contemplado no governo de Ernani Sátiro, pela instalação de um Hospital pelo Funrural: Hospital Regional Santa Filomena em 06 de novembro de 1973. Funcionava em prédio próprio devidamente instalado, com disponibilidade de 16 leitos e assistência permanente de 02 (dois) médicos e dez (10) atendentes na área de saúde. Monteiro já contava com energia elétrica, uma Igreja Católica, e a Igreja Evangélica Presbiteriana segundo informações prestadas por Dona Maria Leônia Ferreira da Silva<sup>1</sup>.

Hoje no ano de 2015 Monteiro dispõe de um Hospital Regional que Atende diversas cidades circunvizinhas a exemplo de Camalaú, Sumé, São João do Tigre e Zabelê. Apesar desse avanço considerável a tradição das rezadeiras permanece intocável e respeitada por uma parcela considerável da população carente e não carente do município.

Uma parcela considerável da população ativa do município é referente à zona rural e se dedica a pecuária e a agricultura, a primeira em maior escala, na agricultura comercial se destaca o feijão e o milho.

Com relação a zona urbana o comércio se apresenta da seguinte forma, diversos estabelecimentos comerciais varejistas. Conforme demonstra o site do IBGE (2010):

Monteiro é um município no Estado da Paraíba. Está localizado na microrregião do Cariri Ocidental. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2010 sua população era estimada em 30.844 habitantes. Área territorial de 13.845 km<sup>2</sup> (é o maior município do estado).

Com relação aos aspectos urbanos, Monteiro corresponde apenas de suas limitações ao maior aglomerado urbano do município. Aparece como fisionomia típica das cidades de seu porte, dispõe de atrativos como praças arborizadas e providas de aparelhos de ginástica para os cidadãos bem como parques de diversões para crianças. É servida de luz elétrica desde 1960.

A cidade de Monteiro apesar do seu potencial extraordinário para o comércio na zona urbana, ainda hoje, tem como atividade econômica a

---

<sup>1</sup>Maria Leônia Ferreira da Silva, Auxiliar de Enfermagem que já trabalhava no período compreendido da inauguração do Hospital Regional Santa Filomena, em 06 de novembro de 1973.

agricultura e caprinocultura como fonte de emprego e renda para os moradores da zona rural.

As festividades juninas as Festas da Padroeira do município também atraem uma grande quantidade de turistas fazendo com isso que seja injetado um valor considerável na receita do município. Com todos esses aspectos de progresso e modernização, também há problemas e diversidades a serem enfrentados. Pode-se citar o desemprego a violência, a falta de assistência médica a uma parcela considerável da população dentre outros.

### **3 HISTÓRIA ORAL**

Concernente a História Oral como possível fonte histórica, temos de considerar e nos pautar em parâmetros profundos e concretos quanto o ofício que desempenha, pois, nada deve ser deixado de lado quando se trata de uma investigação séria. De acordo com Thompson (1992, p. 29) “Se as fontes orais podem de fato transmitir informações fidedignas, tratá-las simplesmente como um documento a mais é ignorar o valor extraordinário que possuem como testemunho subjetivo, falado”.

O entrevistado deve ser considerado um agente histórico, e suas vivências, devem ser levadas em conta como sendo acontecimentos sociais vividos e que devem ser resgatados, para no futuro servirem de base para questionamentos futuros ou até confronto de dados históricos referentes aquela época.

O movimento dos Anales (1929-1969) rompeu com uma historiografia tradicional e bastante abrangência na pesquisa histórica. Com isso passa a se discutir a história oral como possível fonte, que agora não é mais de valor histórico inferior quanto às fontes escritas, esse ponto de vista fundamenta o movimento dos Anales.

Alguns estudiosos tradicionais vêem os depoimentos orais para a historiografia como memórias pessoais que devem ser entendidas como fantasiosas. Freitas (2002, p.17) nos diz o seguinte:

A verdade histórica se constrói cada vez mais complexa, cada vez mais precisa, a partir de verdades parciais e, neste sentido, relativas; o fato da diversidade, da variabilidade, até mesmo da incompatibilidade pontos de vista dos historiadores que, potencialmente, dispõem das mesmas fontes e, subjetivamente, aspiram à verdade, e só a verdade, crendo tê-la realmente descoberto.

Entre a memória e a história, o que as diferencia são a natureza e estratégias se tratando de entrevistas orais com benzedadeiras, podemos nos remeter ao pensamento de Ginzburg, quando ele demonstra que houvera um movimento na Europa pré-industrial onde o poder econômico da época reduzira a cultura popular a simples folclore. Porém na atualidade a grande mídia de certa forma também tenta excluir e banalizar o que se produz nas camadas mais simples da população, se por questão religiosa ou puramente erudita, haja vista que existe um contínuo um apesar dos movimentos que tentam aniquilar a cultura popular, sempre as coisas circulam num movimento de espiral. Pois concernente a questão da benzeção, noto que apesar da evolução científica e do aparecimento de questionadores ferrenhos, a fé e a crença popular subsiste e se conserva na simplicidade de cada um indivíduo que recorre em momentos de necessidade a uma simples benzedeira, seja na cidade grande ou pequena, num casarão ou num casebre, ela sempre estará lá para auxiliar quem precisar. Segundo Ginzburg (1987, p.13) “A circularidade, ou seja, o “[...] influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica, particularmente intenso na primeira metade do século XVI”.

Tanto a história como a memória, apesar de dispares, possuem um sustento comum: constituem-se num antídoto do esquecimento e são fontes de imortalidade, para tanto as narrativas que surgem sob a forma de registros orais ou escritos se caracterizam pelo movimento peculiar de contar e traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória do tempo, pois a narrativa contém em si força além de se instrumentalizar a retenção do passado.

A partir daí surgiu a necessidade de romper com a história do poder monárquico, pois durante muito tempo, creditava apenas os escritos representados pelas elites como os únicos dignos de aceitação. Não devemos supervalorizar as fontes orais, nem as escritas e sim fazermos uma ponte para



enriquecer os saberes visando a proporcionar um trabalho científico de maior conjuntura.

Tudo que conhecemos sobre a história humana é nada mais nada menos que uma construção de experiência do passado, que vem se buscando entender ou mesmo adaptar de forma mais conveniente em todas as épocas. Segundo o viés antropológico, abordar as “referências culturais” significa “dirigir o olhar para representações que configuram uma ‘identidade’ da região para seus habitantes” (FONSECA, 2000, p.14). Do ponto de vista etnográfico, trata-se de repertórios e saberes materiais e simbólicos que as comunidades e os grupos assumem como suas referências, ou seja, como práticas culturais que imprimem um significado na vida de seus adeptos, sendo impregnadas de valor.

O conhecimento popular vem chamando atenção de historiadores culturalistas, pois, mitos, danças, cantos populares têm sido temáticos recorrente no território das pesquisas históricas. De acordo com Thompson (1987, p.10) “a experiência de classe é a forma como essas são tratadas em termos culturais encarnados em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais”.

A caracterização da História Social e História cultural se dá pela problematização dos objetivos de pesquisa, bem como a ampliação do conceito de fonte e dos campos de investigação, realmente tem se aproximado dos conhecidos como excluídos da história e a ideia de história passa a ser considerada como construção particular pertinente a cada época. Pois não podemos deixar que o tempo apague nossas ações, sendo assim tudo que se concebe por conhecimento empírico deve ser valorizado e todo indivíduo faz parte de um todo no novelo da criação da magnífica história humana.

### **3 HISTÓRIA DAS REZADEIRAS**

O universo mesclado entre a miséria e modernidade, encontra aí um viés que dá suporte para se entender o porquê de como se mantêm vivas antigas tradições. Como no caso das rezadeiras que mesmo em número bastante reduzido, ainda podemos encontrar no município, benzendo e curando cidadãos através de suas orações. Essas senhoras são requisitadas por pessoas de

diferentes classes sociais por acreditarem em suas rezas, creio que a procura por parte das pessoas da cidade se deva ao fato de os indivíduos procurarem no sagrado, a explicação para uma situação real que fuja da objetividade e lógica das ciências humanas, algo que sirva lhes de apanágio para sanar males onde só o sobrenatural pode agir através do poder curativo e espiritual.

De acordo com Rietveld, Xavier e Silva (2002 apud Moreira e Santos, 1994, p.71) No município de Monteiro no Cariri Ocidental da Paraíba, havia uma tribo de índios conhecidas como cariris conforme o Livro Historia da Igreja Católica em Monteiro 200 anos, muitas indígenas casaram com homens brancos da localidade, com isso muitas crenças indígenas se perpetuaram através dessas uniões; dentre elas as rezas os remédios caseiros e também as comidas de uma forma geral.

A cultura perpassou séculos mesmos com essa tecnologia e o advento de pentecostalismo, bem como a não aprovação da igreja católicas quanto a alguns ritos e costumes a população ainda procura bastante as simples rezadeiras.

Várias senhoras de oração ainda hoje praticam o seu ofício de maneira simples e comprometida com o bem comum. Muitas estórias são contadas na nossa cidade de pessoas que foram curadas pela benzeção traduzida nas orações de espinhela caída, ventre caído, dor de dente de cabeça e também uma cura em especial que atribuem as mesmas é a do cobro conhecido como cobreiro, uma doença que se manifesta em forma de cinto e circunda a parte do corpo até formar uma circunferência completa , caso isso ocorro a morte é certa e segundo muitos moradores da região a única cura vem através das rezas de simples senhoras.

#### **4.1 Análise das entrevistas com as benzedeadas**

O trabalho de pesquisa teve início em outubro de 2015. Realizou-se na cidade de Monteiro-PB. A escolha das entrevistadas foi determinada pelo fato de serem as rezadeiras mais procuradas do já mencionado município. O estudo se desenvolveu em três etapas distintas, a saber, de início procurei identificar as mulheres que exercem a prática da benzeção, deixei claro qual era o objeto do

estudo. Todas assinaram um termo de livre consentimento autorizando a utilização de seus depoimentos no seguinte trabalho. Foram visitadas 04 (quatro) rezadeiras.

A segunda etapa, da pesquisa constituiu-se em uma segunda visita, onde foi colhido os depoimentos. Através de um questionário, onde foram levantadas as questões pertinentes ao estudo.

A terceira e última etapa da pesquisa foi baseada numa análise de dados, principalmente através da transcrição dos roteiros de observações e das entrevistas, organizados os depoimentos, relacionados e confrontados os dados das entrevistas.

A opção pelos Bairros Alto de São Vicente e Bairro do Braz, foi motivada, principalmente por questões de deslocamento e proximidade, pois não dispus de tempo suficiente para ampliar o alcance territorial da pesquisa

Ao adentrar o mundo das benzedadeiras pôde-se entender a necessidade de um novo olhar sobre a tradição que ainda permanece tão importante nas comunidades estudadas. Levando em consideração o pensamento de Certeau. “Ler é um ato de caçar no território alheio” (CERTEAU apud BURITI, 2001, p.71) quando se refere ao ato de caçar em território estranho; com isso respeitando as fronteiras do cientificismo e da superstição que se entrelaçam num continuum. Câmara Cascudo (2001, p. 587), por exemplo, assim as define no seu Dicionário do Folclore Brasileiro: “Mulher, geralmente idosa, que tem ‘poderes de cura’ por meio de benzimento”. Assim, ao ousarmos caçar nesse território estranho, muitas vezes estereotipado, tínhamos uma certeza: a recorrência ao testemunho oral, a memória de velhos seria indispensável. Assim, entre as quatro benzedadeiras entrevistadas e pesquisadas no município de Monteiro, três disseram que com 20 anos iniciaram a prática da benzeção. Dona Laura<sup>2</sup>, uma de nossas entrevistadas afirmou que “ Desde quatorze anos benzo as pessoa”. Já Dona Hosana<sup>3</sup> diz “desde 7 anos eu benzo, as pessoas me procuram muito”.

Se negássemos a complexidade do fenômeno da benzeção, estaríamos de certo modo negligenciando a força revitalizadora que fortalece e anima a

---

<sup>2</sup>Entrevista cedida por Dona Laura Rodrigues da Silva ao autor em 05/01/2016

<sup>3</sup>Entrevista cedida por Dona Hosana Pereira da Silva ao autor em 20/10/2015

experiência de solidariedade e fé que se identifica em nossas periferias. Isso porque para Nicolescu (2002, p.60).

O sagrado do é, antes de mais nada, uma experiência que é transmitida por um sentimento - o sentimento 'religioso' - do que liga seres e coisas e, conseqüentemente, induz, no mais profundo do ser humano, a um absoluto respeito para com os outros aos quais ele está ligado por partilhar uma vida em comum na mesma terra.

Está centralizada uma investigação no estudo do fenômeno religioso das rezadeiras na cidade de Monteiro no Cariri Paraibano, hoje o fenômeno religioso ainda enfrenta uma profunda e consistente resistência de setores tanto da área de saúde pública e as igrejas cristãs, estabelecesse um conflito entre a sabedoria popular e a racionalidade eclesiástica e científica. Hoje essa realidade vem mudando com o passar do tempo, porém ainda a muito para se fazer. Como nos afirma Teixeira (2001, p. 3)

E bem sabido que se o homem não precisa-se de 'salvação' as religiões seriam inúteis, mas elas têm igualmente se tornando bastante supérflua em outro caso: quando não são capazes de sanar as doenças e os incômodos físicos e psicológicos cotidianos do homem.

As rezadeiras disseram ser bastante procuradas, tanto por pessoas da cidade e de fora também, homens, mulheres, idosos e crianças de todas as classes sociais. Para as quatro senhoras a grande procura tem um lado negativo "sou muito procurada e tenho que deixar as obrigações de casa para atender" como nos afirma a Dona Hosana<sup>4</sup>, porém não deixaram transparecer com isso, que se tratava de um fardo, pois se trata de uma missão especial.

Na busca pela saúde, várias pessoas recorrem a práticas religiosas, que ao longo do tempo foram consideradas extravagantes e estranhas, o racionalismo cultural, deixou de lado a imensa contribuição que as rezadeiras ainda hoje oferecem a quem a elas recorrem para o alívio de suas dores tanto físicas como espirituais.

As rezadeiras são senhoras da oração, suas preces, constituem em força que transforma e penetra a realidade, e possuem uma concretização no mistério

---

<sup>4</sup>Entrevista cedida por Dona Hosana Pereira da Silva ao autor em 20/10/2015

do dia-a-dia das pessoas, as orações são feitas com fé, contagiam as pessoas que se predispõem a serem abençoadas e ficar livres de vários tipos de mazelas.

Houvera um remanejamento e acultramento no nosso país a partir do século XVI, com a chegada dos Europeus, trazendo consigo sua fé oriental atrelada as crenças africanas dos escravos.

O contato das crenças Africanas e Orientais se mesclando com a espiritualidade indígena aqui já presente formou um caldeirão místico e se enraizara originando o que conhecemos por sincretismo religioso, não aceito pela Igreja Católica Tradicional, porém sutilmente se faz presente na teia espiritual de nosso país. A exemplo do Estado da Bahia para ser mais preciso!

Segundo Del Priore (1997, p. 88)

As mulheres e suas doenças moviam-se num território de saberes, transmitidos oralmente, e o mundo vegetal estava cheio de signos das práticas que os ligavam ao quintal, à horta, às plantas. Sem os recursos da medicina para combater suas doenças cotidianas, as mulheres buscavam as curas informais.

Essa mistura de culturas fez com que ritos africanos a exemplo do Candomblé, inserem-se nas suas práticas santos da adoração católica, como São Cosme e Damião, Nossa Senhora que é venerada como lemanjá, São Jorge como Exu e muitos outros. Com isso despertando a intolerância por parte das autoridades religiosas contra os denominados hereges.

Nos séculos XVI a XVIII, os rezadores foram perseguidos, lançados vivos em fogueiras do Santo Ofício na Inquisição da Religião Cristã, onde já tentaram suprimir e aniquilar com processos inquisitoriais e assassinatos hediondos em fogueiras a exemplo de Joana D'arc heroína francesa, pessoas que foram simplesmente consideradas “não cristãs”, pois o que era assim considerado deveria ser aniquilado, estava sendo infiel a igreja e aos princípios da cristandade. Nexos entre poder religioso instituído e saberes advindos do paganismo, fizeram desses atos de cura, serem taxados como práticas desviantes e os tais que praticavam eram considerados hereges para as autoridades eclesiásticas.

Como nos afirma o autor Vicentino (2005, p.37):

Haviam sido criados, em 1231, no papado de Gregório IX, **os tribunais da Inquisição**, com o objetivo de interrogar e sentenciar os hereges. Em 1270, o papa Alexandre IV recomendava a

utilização de métodos de tortura física para obter a confissão do herege ou puni-lo de forma exemplar.

Em pleno século XXI é constante a realidade da marginalização, exclusão e pré-conceito, podemos vislumbrar figuras significativas que brotam do chão da realidade, florescendo como sinais presenciais de um fenômeno religioso e favorece a vida e a saúde das comunidades carentes de assistência das instituições oficiais governamentais.

De acordo com as rezadeiras entrevistadas os benzimentos só podem ser ensinados por pessoas de sexo diferente, esse costume é levado bastante a sério e transmitido de geração em geração. Concernente a transmissão de seus conhecimentos, como benzedeadas, todas afirmaram já terem ensinado a alguém, porém a reza só pode ser ensinada para pessoa do sexo oposto, código que é seguido religiosamente por todas. Essa religiosidade popular é dotada de razoável independência com relação à religião católica tradicional. Essa distância torna mais próxima o ofício de rezadeiras as pessoas da comunidade, que utiliza o sagrado para sanar as necessidades do dia-a-dia da população.

Dona Severina<sup>5</sup> fala “é importante benzer as pessoas para distanciar coisas ruins colocada por outras”, a exemplo do mal olhado da inveja etc. Porém diz que não faz qualquer tipo de oração direcionada a animais.

As demais benzedeadas, Dona Laura, Dona Josefa e a Dona Hosana dizem que além de seres humanos também benzem animais também. Porém algo chamou atenção entre as quatro rezadeiras é a questão da fé, pois são unânimes em dizer que se a pessoa não tiver fé na reza não haverá cura. Também não cobram pelas orações, mas, se as pessoas que procuram trouxerem velas, para os santos protetores, aceitam de bom grado.

Claro que muitas pessoas com certeza também trazem, dinheiro, perfumes ou roupas e as presenteiam por seus préstimos. Muitas das práticas utilizadas pelas rezadeiras contemporâneas remontam de certo modo a determinadas atividades realizadas pelas mulheres no período colonial, onde eram consideradas bruxas por serem detentoras do conhecimento fitoterápico e praticantes de orações que amenizaram os sofrimentos das pessoas que estavam à mercê da religião pela ausência de padres e distanciados dos

---

<sup>5</sup>Entrevista cedida por Severina Alves de Souza ao autor em 25/11/2015

tratamentos médicos, elas assim ameaçavam tanto a igreja como o saber médico.

De acordo com a Dona Laura<sup>6</sup> “uso ramo de folha e carvão com água para benzer” que servem para puxar os males que estão no corpo da pessoa, bocejo quando a pessoa está sendo rezada é entendido como a transmissão do mal olhado para o objeto que está sendo utilizado, o intrigante é que quando a senhora Laura reza o carvão afunda, segundo ela levando para o fundo do copo o mal que estava na pessoa.

É evidente a religiosidade das rezadeiras entrevistadas. Durante as visitas constatei uma grande variedade de imagens de santos nas paredes de suas casas, a fé que possuem em Deus a reverência que falam da sua crença, no mundo espiritual realmente me impressionou.

No entanto, a Dona Laura<sup>7</sup>, quando perguntada o que a faz não participar da religião evangélica já que a igreja católica tradicional não reconhece as suas práticas religiosas, as respostas foram rápidas o fato de não migrar para o protestantismo e se tornar evangélica legítima, termo enfatizado por ela, foi porque “os crente desfaz de Frei Damião e dos santos da igreja, não gosto, porque temo algum castigo”.

Fica evidente, nesta fala, a posição de fronteira assumida pela rezadeira. Não ser “evangélica legítima” “permite” a ela, ao mesmo tempo, partilhar de alguns dogmas do neopentecostalismo, e também continuar rezando nas pessoas. A rezadeira menciona ainda a pouca importância de Nossa Senhora para os evangélicos, pois falam de Jesus como se ele tivesse sido encontrado, nascido sem mãe. Na verdade, “as experiências vividas no catolicismo popular foram tão intensas, que a rezadeira não conseguiu se desvencilhar dele” (SANTOS, 2007, p. 22).

Dentre as doenças citadas pelas rezadeiras uma em especial me chamou atenção, pois ela se faz muito comum no município de Monteiro, o Cobreiro, ocorre aparecimento de bolhas, vermelhidão, inflamação cutânea, coceira com as interpretações fornecidas pelas rezadeiras, o *cobreiro* é causado por alguns animais e insetos peçonhentos. Isso ocorre quando estes, em contato com as

---

<sup>6</sup>Entrevista cedida por Dona Laura Rodrigues da Silva ao autor em 05/01/2016

<sup>7</sup>Entrevista cedida por Dona Laura Rodrigues da Silva ao autor em 05/01/2016

roupas das pessoas, deixam nelas seus venenos. Em estudos realizados sobre as benzeduras na região do Baixo Alentejo em Portugal, Joaquim Roque (ROQUE, 1946, p. 31). Diz que “Os insetos acima mencionados pelas rezadeiras são, para o povo, os únicos causadores desse mal e que as roupas interiores são as preferidas por tais bichos para nelas deporem”.

O referido autor ainda traz uma informação muito importante que também é difundida entre as rezadeiras. “Deve-se evitar que o cobro feche o círculo em volta da parte do corpo afetada, pois quando isso acontecer, o doente estará irremediavelmente perdido” (ROQUE, 1946, p. 32).

Observei ainda, durante as pesquisas etnográficas, algo semelhante no discurso de algumas rezadeiras. Para ambas, se o portador da doença não procurar ajuda de uma especialista no trato do *cobreiro*, o ferimento se alastra pelo corpo e, quando *a cabeça se encontrar com o rabo*, a pessoa morre. Vejamos que pela simbologia que elas constroem a respeito da doença, há uma forte relação com a anatomia de um dos animais causadores, mais especificamente, a cobra. A denominação da doença sugere, inclusive, ter sido provocada pelo veneno deixado por este agente causador.

A rezadeira Hosana<sup>8</sup> apresentou uma forma bem peculiar de rezar contra a doença. Ela fazia uso de uma faca, e levava o cliente até o quintal, onde há um pé de *Mamona*, utilizando da folha da referida planta. Posicionando-se entre a pessoa e a planta, ela pega a faca e diz a reza: “O que é que eu corto?” Responde ao cliente: “Cobreiro brabo”. Continua a rezadeira: “Eu corto a cabeça e a ponta do rabo”. “Com os poderes de Deus tu estarás curado”. Com auxílio da faca, a rezadeira golpeava os galhos da parte de cima da planta, fazendo alusão à *cabeça*, e no tronco como se estivesse referindo-se ao *rabo* do *cobreiro*. A preocupação das rezadeiras é impedir que haja um alastramento da enfermidade pela parte lesada do corpo. Para elas se o rabo do *cobreiro* imendarcom a cabeça, o doente morre.

A ideia de abordar a doença acima mencionada, e como as rezadeiras dão significados a elas, foi justamente para mostrar como são construídos os discursos e os procedimentos que confluem para o entendimento e, conseqüentemente, para a cura. Além do mais, há uma construção simbólica,

---

<sup>8</sup>Entrevista cedida por Dona Hosana Pereira da Silva ao autor em 20/10/2015



pautada em elementos que fazem parte do cotidiano das rezadeiras e da sua clientela, que ajudam na composição. Daí, “se a doença é caracterizada pela falta de significado, a cura, por sua vez, vai procurar uma reordenação”. (QUINTANA, 1999, p. 46).

Todas recordam de casos que marcaram a sua missão. Dona Laura<sup>9</sup> “um certo dia cai numa cacimba e depois de dois dias, me acharam”. Dona Severina<sup>11</sup> “foi muito especial, agradeço ao Divino Espírito Santo. Dona Josefa<sup>11</sup> “duas quedas sofri no ano de 2007, e me apeguei ao Divino Espírito Santo e ao Padre Cícero e foi curada” (quebrou a clavícula), tendo uma recuperação rápida e espantosa para a maioria das pessoas. A Dona Hosana<sup>12</sup> “recebi diversas graças”.

Percebeu-se durante as entrevistas que as senhoras da oração, gozam de bastante prestígio perante a comunidade e seus serviços são muito elogiados pelos moradores. Para as depoentes benzer é retirar o mal que está atrapalhando a vida das pessoas, trazendo com isso a caridade principalmente para crianças, e isso é motivo para que elas se sintam felizes, ajudar as pessoas que confiam em suas orações, nenhuma aceitou pagamento pelas orações; ficou bastante clara a questão da fé de ambas as partes, tanto da rezadeira como do que está sendo benzido, para que surta efeito as súplicas que estão sendo feitas.

Referente ao primeiro contato com as rezas todas disseram aprender com algum parente próximo do sexo oposto, afirmaram sentirem-se um pouco sobrecarregadas, mas não falaram em desistir. Com relação ao dom da reza, todas concordam que existe o dom especial que trazem desde o ventre, mas que também pode ser ensinado.

Afirmam que muitas pessoas ainda as procuram, mesmo com a facilidade do atendimento de hoje por parte dos órgãos de saúde pública, várias pessoas têm confiança nas suas orações. Dona Laura<sup>13</sup> afirmou que “o médico do PSF Dr. Francisco, sempre me procura para bezê-lo quando ele me visita”

Dona Hosana<sup>15</sup>, diz ter benzido por diversas vezes “o médico dentista Dr. Darlan Amador”. (Dentista muito conceituado na cidade de Monteiro), e que ele

---

<sup>9</sup>Entrevista cedida por Dona Laura Rodrigues da Silva ao autor em 05/01/2016

<sup>11</sup> Entrevista cedida por Dona Severina Alves de Souza ao autor em 20/10/2015

<sup>11</sup>Entrevista cedida por Dona Josefa Alves Bezerra ao autor em 20/12/2015

<sup>12</sup>Entrevista cedida por Dona Hosana Pereira da Silva ao autor em 20/10/2015

<sup>13</sup>Entrevista cedida por Dona Laura Rodrigues da Silva ao autor em 05/01/2015

não se esquivava de suas orações pois é um homem de bem e muito educado, ele a respeita muito.

As benzedeadas entrevistadas, afirmaram existir orações para outros males, inclusive espirituais. Dona Severina<sup>15</sup> afirma “existe rezas para expulsar espírito maligno”.

Com relação as rezadeiras rezarem em voz baixa Dona Laura<sup>16</sup> afirma que “é melhor para concentrar”, Dona Josefa<sup>17</sup> “não influi se a voz é baixa ou alta, o que vale é a fé”.

Dona Hosana<sup>18</sup> diz rezar em voz alta “foi assim que aprendi a rezar”. Quando perguntadas se era possível rezar a distância, todas responderam que sim!

A Dona Laura<sup>19</sup> narrou um fato curioso, “uma moça tava com a doença cobreiro rezei várias semanas quatro horas por dia e foi curada” de acordo com relato dos familiares da jovem.

Quando perguntado a todas as rezadeiras se a frequência dos visitantes diminuiu nos últimos trinta anos, afirmaram contundentemente que sim.

Elas destacaram algumas benzedeadas que conheciam, são as seguintes: Maria das Dores da Conceição (Dona Das Dôres), Dona Dida, Dona Judite.

Esta pesquisa apesar de sucinta nos remeteu a uma reflexão acerca da tradição Milenar da reza para afastar males e trazer a cura. Mostrando que a modernidade e tradição podem caminhar juntas harmonicamente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No histórico do município de Monteiro durante a sua criação, percebe-se nas pessoas que ali se firmaram muita religiosidade e fé principalmente em Nossa Senhora das dores padroeira do município, que foi bastante evocada quando surgiu na região epidemia de cólera. Apenas em 1973 a cidade ganhou

---

<sup>15</sup>Entrevista cedida por Dona Hosana Pereira da Silva ao autor em 20/10/2015

<sup>15</sup>Entrevista cedida por Dona Severina Alves de Souza ao autor em 25/11/2015

<sup>16</sup>Entrevista cedida por Dona Laura Rodrigues da Silva ao autor em 05/01/2016

<sup>17</sup>Entrevista cedida por Dona Josefa Alves Bezerra ao autor em 20/12/2015

<sup>18</sup>Entrevista cedida por Dona Hosana Pereira da Silva ao autor em 20/10/2015

<sup>19</sup>Entrevista cedida por Dona Laura Rodrigues da Silva ao autor em 05/01/2016

um hospital, até então as pessoas tinham que se deslocar para grandes centros, com isso a população mais carente tinha que recorrer as benzedeadas da cidade em busca de cura para vários males.

Apesar da modernidade e da facilidade no atendimento médico da cidade de Monteiro-PB, a tradição das benzedeadas permanece no município, pois pessoas daqui e de outras localidades buscam a cura e tem muita fé em suas orações. Percebeu-se também quanto prestígio elas têm na comunidade, que valoriza muito os seus serviços principalmente por mães aflitas quando seus filhos estão doentes.

Partindo de um estudo prévio de História Oral e Memória, foram entrevistadas quatro benzedeadas que são bastante solicitadas. Foram elas: Dona Laura, Dona Hosana, Dona Severina e Dona Josefa.

Ao analisar os depoimentos das benzedeadas entrevistadas, foram identificadas as principais enfermidades que elas curam através das orações, são elas: mal olhado, ferida de boca, espinhela caída, cobreiro, dor de cabeça, peito aberto e ventre caído. Todavia, a oração mais procurada é o mal olhado e ventre caído que atinge principalmente os bebês. Porém elas afirmaram existir também reza para animais e a distância.

Este trabalho foi valioso, pois permitiu resgatar antigas tradições religiosas, como também reverenciar o trabalho das benzedeadas junto à população de Monteiro-PB, contribuindo para a História e incentivando pesquisas na área. Claro que muito ainda pode ser estudado, a temática é interessante e instigante.

## REFERÊNCIAS

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo - RS: Unisinos, 2003, p.16

CASCUDO, Luis da Câmara. **Meleagro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 2001.

COOL, AUGUSTI Nicolau, NICOLESCU, Basarad; ROSEMBERG; Martin et al. **Educação e Transdisciplinaridade II**. Coordenação executiva de CETRANS. São Paulo: TRIOM, 2002, 216p.

CAMARGO, Maria Tereza L. de Arruda. **O cobreiro na medicina popular**. Disponível em: <<http://www.aguaforte.com/herbarium>>. Acesso em: 30 nov. 2011.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: Lynn, Hunt. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes,. 2001

FONSECA, Maria Cecília L. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; MINC/IPHAN, 1997.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: USP, 2002.

GINZBURG, Carlos. **O queijo e os vermes: O cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

MONTEIRO/PB. **Informações sobre a cidade Monteiro-PB**. Disponível em: <<http://wikim.apia.org/5815585/pt/Monteiro>>. Acesso em: 16 jan. 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PRIORI, Mary Del. **Magia e Medicina na Colônia: O corpo feminino**. A História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.

QUINTANA, Alberto M. **A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de Psicanálise**. São Paulo: EDUSC, 1999.

RIETVELD, João Jorge PE., Sandra Valéria da Silva Xavier, Elaine Cristina da Silva, **A Herança de Manoel Monteiro: Duzentos anos de Igreja Católica em Monteiro (1800-2000)** – João Pessoa: IMPRELL, 2002. 340 p.: il.

ROQUE, Joaquim. *Etnografia Alentejana*. Beja: Minerva Comercial, 1946. **Rezas e benzeduras populares**.

SANTOS, Francimário Vito dos. **Rezadeiras: prática e reconhecimento social**. 2004. 92. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Ciências Sociais, Natal, 2004.

\_\_\_\_\_. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta**. 197f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

\_\_\_\_\_. **O caso das rezadeiras evangélicas: uma breve reflexão sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta (RN)**. Protestantismo em revista. Temas diversos. v. 3, n. 2, [ano 6], maio/ago.

TEIXEIRA, Faustino (org). **A(s) ciência (s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica**. São Paulo: Edições Paulinas, 2001. 346 p. (Coleção Religião e Cultura).

THOMPSON. E. P. A **Formação da Classe Operária**: a árvore da liberdade. 2. ed. Tradução Denise Boltmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Voz do pássaro**: História Oral. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VICENTINO, Claudio. **Projeto Radix** - São Paulo: Scipione, 2005.